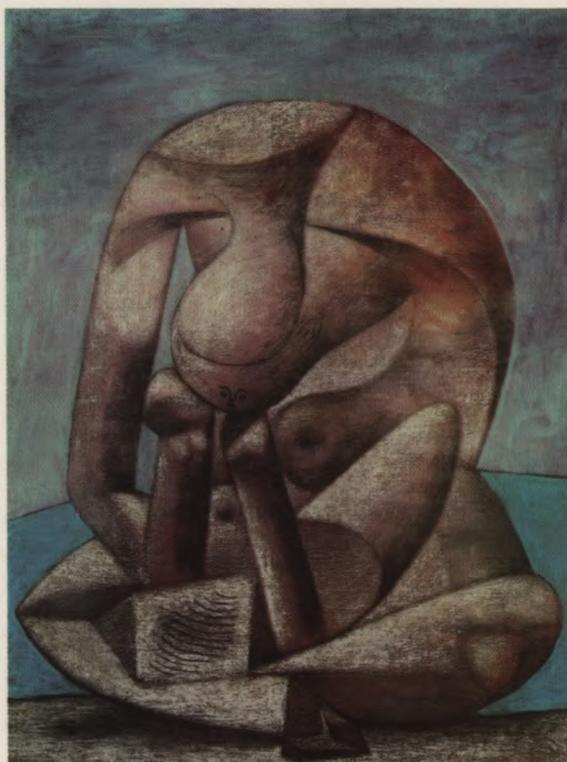


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O LIVRO E A LEITURA

VOLUME 20, 1999

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A BIBLIOTECA ERRANTE

Itinerários da leitura na era digital

Cresce a perplexidade em relação à alteração dos processos de leitura que tem vindo a ser suscitada pelos avanços da telemática. Trata-se de uma resposta natural ao envolvimento, por instrumentos e preceitos novos ou bastante renovados, de hábitos que foram definidos a partir do aparecimento do códice e da tipografia. São práticas e atitudes que estão a alterar, de uma maneira radical, os territórios conhecidos da produção, da conservação e da circulação dos saberes. Que, de uma forma muito rápida, desbravam novos espaços de comunicação, mobilizando um número cada vez maior de pessoas. Uma realidade rica, multimoda, mas também inquietante, que entra pela janela e se instala na mesa de trabalho. Que precisa de ser compreendida e explorada. E que nos obriga a repensar o acto de ler.

1. Conhece-se o enorme e imediato impacto da revolução tipográfica nos processos de produção, de decifração e de divulgação da palavra escrita, bem como o sentido das rotas percorridas, no que toca ao seu papel como instrumento comunicante, pelo texto impresso. O significado dessa mudança e de todo esse movimento toma-se transparente quando observamos o lugar reservado à leitura na era pré-tipográfica e reparamos em alguns dos marcos da evolução que se lhe seguiu.

De facto, até ao aparecimento do impresso, a "utilização profes-

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.

sional da escrita⁽¹⁾) traduzira-se na posse, por parte de uma fracção muito reduzida da população, dessa ferramenta. Em regra, os escribas, técnicos empregados pelas instituições do poder, copistas reclusos nos *scriptoria* de mosteiros isolados ou letrados concentrados num número reduzido de espaços e de órgãos, detinham o monopólio de uma produção quase silenciosa, insignificante do ponto de vista do seu alcance imediato, da palavra grafada. Mesmo na Grécia ou na Roma do período clássico, em cujo território civilizacional essa exiguidade foi menor, o papel cultural e social do escrito, do manuscrito, cingiu-se a sectores urbanos, bastante próximos das instituições políticas e sociais que orientavam a sociedade.

Nas culturas orais afirmadas até ao advento do humanismo, o papel da linguagem como método de imposição da autoridade não se encontrava, pois, centrado no escrito. Por esse motivo, o mestre de retórica estava, em regra, bastante mais próximo dos centros de decisão e do prestígio social, do que o estava o raro e obscuro escrevedor. Nesse contexto, a elaboração e a difusão dos saberes era feita pela via quase exclusiva da oralidade, de um modo por isso limitado e frequentemente pouco rigoroso. As palavras eram difundidas seguindo um processo inevitavelmente pouco seguro, em termos de fidelidade aquilo que fora efectivamente dito, de toda a vez que eram apreendidas e repetidas por outrem: a memória, a capacidade oratória e a personalidade de quem comunicava eram aí, evidentemente, determinantes. Além disso, o verbo detinha um alcance, tanto no domínio da repercussão espacial como no da sua existência temporal, que a sua própria natureza mantinha reduzido. Sendo essas marcas definidoras da condição precária da palavra enquanto instrumento de comunicação, a força desta residia no facto de não possuir substituto capaz. Aliás, os próprios escritores partiam do princípio de acordo com o qual, em regra, a maioria dos seus "leitores" ouviria o texto, não o lendo necessariamente⁽²⁾.

O aparecimento da imprensa e a explosão da "galáxia de

C) Expressão utilizada por Eric Alfred Havelock em *Origins of western literacy*, Toronto, Ontario Institute for Studies in Education, 1976.

(2)A propósito da importância da "leitura ouvida", siga-se Alberto Manguel, em *Uma História da Leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 1998, em especial a pp. 121-133.

Gutenberg" - para retomar a conhecida expressão avançada por McLuhan ao referir-se ao universo que nasceu da fragmentação das formas do saber e da comunicação produzida pelo advento da palavra impressa⁽³⁾ - alterou, lenta mas definitivamente, esse estado de coisas. Porque aquilo que o livro trouxe, aquilo que o texto tipografado provocou, não foi apenas - o que até nem seria pouco - uma ampliação exponencial da capacidade humana para fixar e para divulgar a palavra escrita, ou o considerável embaratecimento desse processo. Foi também, e sobretudo, o alastramento da leitura e o início da sua gradual passagem para a esfera do privado. Foi a subversão dos módulos do saber tradicional, o início da fixação de um novo cânone, de um referencial de autores, de obras e de ideias consideravelmente ampliado e de tipo inteiramente novo.

E certo que a leitura se irá conservar ainda dentro dos estreitos limites impostos por uma literacia reduzidíssima, por mecanismos censórios rapidamente instalados ou aperfeiçoados para as suas tarefas de coacção, por circuitos de produção e venda consideravelmente limitados, pelo custo demasiado elevado das obras impressas. Mas, ainda assim, irá crescer de acordo com um ritmo sem precedentes. Repare-se que desde a publicação do primeiro livro impresso de acordo com o novo método (o conhecido saltério de Mainz, de 1457), e até ao ano de 1500, se estima que tenha saído das prensas europeias um volume de obras que se situaria algures entre os 15 e os 20 milhões de exemplares, distribuído por cerca de 35.000 edições, coisa que nos permite adiantar a estimativa, sem dúvida extraordinária se forem consideradas as acanhadas fronteiras do seu mercado potencial e a exígua dimensão do público leitor, de uma média diária de 1.300 livros⁽⁴⁾. Esta tendência, que se ampliará aliás entre os séculos XVI e XVIII, quando uma capacidade de ler cada vez mais alargada, mais partilhada - o que muitas das vezes não significa, reconheça-se, mais colectiva, dada a transferência dos hábitos de leitura para um espaço de intimidade - foi fixando, desdobrando-se a todo o momento até novas áreas, a chamada "cultura do escrito".

Estabelecendo um maior rigor da escrita circulante na relação

(3) Veja-se Marshall McLuhan, *The Gutenberg Galaxy. The making of typographic man*, Toronto, University of Toronto Press, 1962.

(4) Cf. Philippe Breton e Serge Proulx, *A Explosão da Comunicação*, Lisboa, Bizâncio, 1997, p. 53.

com a sua autoria, ampliando o número dos seus destinatários efectivos e potenciais, o livro impresso vai transformar-se no mais importante dos factores de mudança cultural dos últimos cinco séculos. Sem ele, o processo de centralização política e de emergência do Estado, que foi alterando radicalmente o mapa da Europa, ter-se-ia, por certo, afirmado de um modo bem mais lento e difícil. Sem ele, os movimentos de natureza religiosa, literária, política, filosófica que atravessaram o velho continente desde os tempos da Reforma até à actualidade, moldando o espaço humano e cultural, não se teriam processado de idêntica forma. Nem teriam sequer conseguido semelhante capacidade para influenciar, de maneira constante, um número crescente de pessoas. A corrente humanista, naquilo que representou de efectiva inversão da estrutura medieva do saber, assente em princípios e em regras dotados de um frágil dinamismo, teve justamente no livro sujeito a impressão a sua base material essencial, uma vez que, através deste, se tornava agora possível, a um vasto número de intelectuais unidos numa mesma iniciativa gnosiológica, a posse de uma mesma obra numa mesma e idêntica versão, a comunicação a muitos outros dos conteúdos desta, o seu continuado debate, glosa, favor ou refutação. Além disso, o processo de apreensão cognitiva do texto e de integração do seu conteúdo num sistema de saberes, seria, por interposição do novo instrumento, inteiramente modificado.

Como foi lembrado por Frances Yates⁽⁵⁾, o volume saído da tipografia tomou gradualmente inúteis, objectivamente desnecessários, os amplos quadros mentais, durante séculos transmitidos quase inalteravelmente de geração em geração, e que permitiam aos actores da sabedoria dispor os factos da memória de um modo que possibilitava e facilitava a sua evocação. O acentuado crescimento do número de obras existentes, a sua relativa acessibilidade, tomaram rapidamente supérfluo, senão mesmo impraticável, esse funambulismo intelectual assente na memorização e num conhecimento confinado a uma elite técnica de clérigos e de legistas, de funcionários especializados ao serviço dos principais poderes. O aumento da oferta de informação, a sua maior capacidade de armazenamento, a forma facilitada de manuseamento, a sua disponibilidade, abrirão assim, em termos funcionais, o caminho ao exame, à crítica, à renovação dos

(5)Veja-se Frances Yates, *L'Art de la Mémoire*, Paris, Gallimard, 1975.

saberes, a uma outra possibilidade de especulação criativa, de refutação e de inovação⁽⁶⁾.

Foi pois a partir da generalização do livro impresso como suporte informativo que se tomou possível a modificação das bases de um catálogo de autores capitais e incontomáveis, a fixação de um novo cânone. Pode agora verificar-se uma ampla renovação das fontes do saber e dos critérios de verdade, por via da leitura revitalizada dos autores antigos e, sobretudo, da edição constante de outros, rigorosamente novos. O inventário traçado por Harold Bloom nas cerca de quatro dezenas de páginas finais de *The Western Canon* - de fio a pavio uma apologia do valor pedagógico e constitutivo do livro e da leitura dos chamados "grandes autores" - é, sob esse aspecto, bastante expressivo⁽⁷⁾. Nele, o rol das obras e dos escritores que se considera terem definido um padrão ocidental de cultura amplia-se de repente, de uma feição clara, com o arranque do século XVI, precisamente quando uma rede de oficinas atravessava já grande parte do continente europeu e os textos começavam a aparecer em tipo. Os outros que Bloom nomeia, aqueles que vêm de um passado anterior ao aparecimento em cena da prensa de Mainz, ou mesmo do livro manuscrito, talhado para ser lido e anotado comodamente pelo leitor - em ambos os casos folhas dobradas e vincadas, organizadas em cadernos idênticos e todos eles combinados no formato do *codex* - são essencialmente aqueles que os escritores de Quinhentos retomam, citam, editam e, em regra, veneram.

Por outro lado, o triunfo do papel impresso deveu-se também, como causa e como efeito, ao relacionamento da edição com as formas essenciais de autoridade, fossem elas a detida pelo príncipe e restantes dignitários civis ou a atribuída aos diversos níveis da hierarquia eclesiástica. O livro, quer pelo seu conteúdo, em regra controlado (encomendado, censurado, condicionado no processo de escrita e de

(6)Uma boa síntese dos sentidos da revolução trazida pelo volume impresso é feita por Elisabeth L. Eisenstein, "Le livre et la culture savante", in *Histoire de l'Édition Française*, dir. de Henri-Jean Martin e Roger Chartier, vol. I "Le Livre conquérant", Paris, Promodis, 1982, pp. 563-583.

(7)Veja-se Harold Bloom, *O Cânon Ocidental. Os Livros e a Escola das Idades*, Lisboa, Temas & Debates, 1997, pp. 477-518 (ed. original: *The Western Canon: the books and school of the ages*, New York - London, Harcourt Brace, 1994).

impressão), quer pelos elementos paratextuais trazidos pela personalidade e pela condição do seu autor, é desde o seu aparecimento considerado como "manifestação de materialidade do poder"(s), instrumento e símbolo do mando e de uma cultura permitida que se afirma como dominante. É, por isso, sacralizado.

Esta sacralização tem o seu espaço ritual, que é a biblioteca. Régia, senhorial ou conventual, privada ou mais ou menos pública, o seu papel social é, sob este aspecto, idêntico. Território de preservação e de entesouramento de um conhecimento que no geral pode ser desvendado, mas que, de forma a não se perder nem a perder o prestígio que o sagra, deverá conservar-se nesse espaço fechado. Não podendo circular livremente, sem restrições. De uma forma simbólica, a ocupação detida, na abadia na qual se desenvolve o enredo de *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, pelo velho e cego monge Jorge de Burgos - uma óbvia paródia de Borges, entendedor do universo como eterna e infinita biblioteca e da biblioteca ideal como a mais perfeita das reproduções do mundo⁽⁹⁾ - desenvolve-se, sem dúvida, como oficiante de uma espécie de culto bibliófilo, cioso do seu tesouro, que passa por constituir predicado de todo aquele que detém a guarda da sabedoria livresca. Isto é, do conteúdo físico, palpável, das estantes nas quais repousa e se preserva, supostamente para todo o sempre, a memória do mundo. Tal qual o pensara, muitos séculos antes, o mesmo Aristóteles que viria a inspirar o levantamento da grande biblioteca de Alexandria⁽¹⁰⁾.

A vida do texto impresso como referência essencial da cultura ocidental, passou, como é natural, por diversos momentos, tendências variadas, processos sucessivamente criados e modificados. Ao seu rápido triunfo enquanto técnica e enquanto modelo sucederam-se séculos de gradual e irreversível afirmação, como veículo essencial do conhecimento, instrumento da inscrição de toda a sorte de normas ou mesmo objecto de prazer. Trajecto complexo, que incluiria formas diversas de produzir a edição, de ler o texto e de olhar as imagens

(8) Cf. Teresa Amado, "A ideia de Saber na constituição da modernidade: os livros e a sua Ordem", *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, nº 2, Lisboa, Primavera de 1998, pp. 35-53. Aqui a p. 50.

O Cf. Jorge Luís Borges, "A Biblioteca de Babel", *Ficções* (1944), in *Obras Completas*, Lisboa, Teorema, 1998, pp. 483-489.

(10) Cf. Alberto Manguei, *Uma História da Leitura*, ob. cit., p. 197.

que o podem acompanhar, de distribuir e arrumar os exemplares prontos a serem manuseados, de disponibilizar os mesmos aos seus eventuais leitores⁽ⁿ⁾.

Particularmente importante neste processo é o alargamento do carácter social do costume de ler. A afirmação de uma "leitura silenciosa", capaz de proporcionar uma relação mais íntima e pessoal de quem lê com a escrita caligráfica ou impressa que tem diante de si, não excluiria a permanência de um importante papel da leitura pública, detectável muito para aquém da época de Gutemberg. No período medieval, esta era, pelo facto de ser ainda raro as pessoas saberem ler e de os livros constituírem propriedade de muito poucos, uma prática comum e imprescindível. Porém, e apesar da emergência do universo alternativo da leitura solitária e silenciosa, feita no gabinete, na biblioteca ou no salão, a grande importância da modalidade oral irá manter-se. No século XIX tomar-se-á mesmo uma actividade muito apreciada, ampliando o próprio valor social do acto de leitura. Ficariam na lembrança, pela popularidade que tiveram e a desmedida extensão das constantes sessões nas quais foram produzidas, as sessões de leitura pública das suas obras feitas por Charles Dickens⁽¹²⁾. Sabendo-se também que os numerosos jornais da época eram, em regra, lidos por alguns membros da comunidade para um público analfabeto, sem poder de compra, ou que simplesmente preferia essa forma de comunicação da notícia. Nos finais dos anos 1920, era ainda possível encontrar nos Estados Unidos, junto de uma parte das comunidades hispânicas imigradas, os chamados *lectores*, divulgadores habituais junto de comunidades operárias dos romances de Alexandre Dumas e de outros autores que hoje já ninguém recorda⁽¹³⁾.

Por sua vez, o alargamento do ensino público e o sucesso crescente de revistas e de jornais traduzir-se-ão também na vulgarização, com a passagem para a condição de gesto ordinário, da

(n) Para um entendimento deste trajecto milenar, siga-se Roger Chartier, *Le livre en révolutions*, Paris, Textuel, 1997.

(12) Vejam-se as constantes e bem documentadas referências feitas na monumental biografia do romancista escrita por Peter Ackroyd: *Dickens*, London, Minerva, 1991.

(13) Veja-se Alberto Manguei, *Uma História da Leitura*, *ob. cit.*, pp. 121-125.

decifração da palavra escrita. A figura da pessoa comum que hoje folheia no jardim público, à mesa do café ou na carruagem do metro o jornal diário, ou que lê e anota com naturalidade, sem despertar a estranheza do seu vizinho, o livro que transporta consigo, configura o êxito desse longo processo de afirmação do impresso e da leitura.

2. Ora neste final de milénio a "galáxia de Gutemberg" mantém-se viva e ágil. Mais viva e ágil até do que nunca, apesar de abalada pelo aparecimento de uma porção de meios alternativos que têm vindo a alterar a forma de nela se circular. Num estudo notável e perturbante, Rodríguez de La Flor chama a atenção para o facto, que se impõe por si mesmo e nos é constantemente testemunhado, de ser a época que vivemos a da mais plena afirmação da palavra escrita e do hábito de ler, em termos de amplitude funcional e de ocupação dos espaços. Fala mesmo do aparecimento, nos tempos mais recentes, de uma certa "nostalgia da oralidade", determinada por um "cansaço da letra" que começaria mesmo a dominar-nos⁽⁴⁾. Se atentarmos no conjunto de factos que apresenta, somos forçados a tomar seriamente em linha de conta diversas das suas constatações.

Parece que, sob as mais diversas formas, a tipografia "*navega hoje a cidade*", tendo rompido com o seu anterior suporte livresco para, de uma forma mais fácil, "*se fragmentar e se poder reproduzir, inundando tudo com a sua presença fantasmática*"^{Q5}). As marcas desta invasão são numerosas, e encontram-se para onde quer que, na urbe contemporânea, voltemos a atenção. Não se trata apenas da presença vulgarizada do livro impresso, divulgado agora numa constelação nunca antes vista de formatos, cores, grafismos, encadernações, texturas, colecções e tiragens, que é distribuído por bibliotecas mais facilmente acessíveis, por livrarias para todos os gostos e tamanhos, por quiosques nos quais, para comodidade dos interessados, se misturam volumes de puro texto e álbuns de banda desenhada com pastilhas elásticas, boletins do totoloto ou locomotivas em plástico. Não se trata apenas do imenso trabalho de estudo, reprodução, comentário e crítica, levado a cabo pelas instituições de ensino e de investigação. Como não se trata somente do hoje vulgar processo de

(4) Cf. Fernando Rodríguez de La Flor, *Biblioclismo. Por una práctica crítica de la lecto-escritura*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1997, p. 85.

O⁵) *Idem, ibidem*, p. 75.

reprodução do volume de texto por meio da fotocópia, o qual, retalhando-o ou desfigurando-o, lhe pode ampliar a circulação. Ou do papel da imprensa periódica, que leva o jornal, a revista, o folheto, até ao mais isolado dos recantos do planeta. Não é, realmente, apenas esta espécie de suporte da leitura que se apresenta diante de nós. Existem outros objectos, outros instrumentos, que nem mesmo o veneziano Aldus Manutius, o mestre impressor dos finais de Quatrocentos ainda hoje lembrado pelo seu pioneirismo editorial, teria sido capaz de antever, e que têm vindo a chamar permanentemente a atenção do indivíduo - mais hoje do que em qualquer outra época - para a sua capacidade de juntar e de decifrar os sinais alfabéticos.

Imaginemo-nos a chegar de automóvel a uma cidade. Na estrada olhámos o conta-quilómetros para controlar a aceleração, reparámos na identificação das empresas proprietárias gravadas nos oleados que cobrem os grandes camiões, olhámos as placas colocadas a espaços para nos podermos encaminhar com êxito para o destino pretendido. A chegada à cidade é indicada por uma placa que a nomeia, tendo ao seu lado uma outra que nos deseja boa estadia. Dirigimo-nos depois ao centro, orientando-nos por intermédio dos sinais de trânsito e das sucessivas placas toponímicas. Estacionamos o carro. Saímos e deparamos imediatamente com um grande *outdoor* publicitário, no qual, por cima da imagem de uma paisagem repousante, uma legenda convida a adquirir um apartamento numa moderna urbanização. E, durante todo este espaço de tempo, não deixamos de ser confrontados com uma experiência de leitura que nos é imposta ou que, por hábito ou por objectiva necessidade, nós próprios acabamos por procurar.

Depois percorremos a pé parte da cidade. Passamos por uma tabacaria, procuramos uma farmácia, vamos a um restaurante e passamos mais tarde por um supermercado. Frequentamos a igreja ou o estádio, ocupamo-nos do nosso trabalho ou buscamos um qualquer divertimento, olhamos distraidamente os *graffitti* que cobrem alguns muros ou a omnipresente publicidade em néon, reparamos nas legendas de um filme que, do lado de lá da vitrina, passa no televisor de último modelo publicitado por uma loja de electrodomésticos. De facto, neste ambiente, não precisamos mais, como outrora, de entrar numa livraria ou numa biblioteca, ou de levar uma obra literária para o nosso quarto de dormir, para ter alguma coisa para ler, uma vez que toda a cidade é livro, funcionando como espaço

permanente de afirmação do texto, "lugar que se revela como privilegiado para a inserção do sinal linguístico"^(1A).

Nestas condições, o próprio papel da palavra impressa, do seu suporte tradicional, dos seus espaços habituais de salvaguarda ou de exposição passa a ser bastante relativizado. Se vivemos imersos num grande livro, se os nossos olhos percorrem constantemente palavras gravadas num conjunto de instrumentos sempre acrescidos, renovados e diferenciados, a experiência de leitura torna-se algo de habitual, de rotineiro, de trivial mesmo, perdendo de um modo aparentemente definitivo - pelo menos em sociedades razoavelmente alfabetizadas como a nossa - o seu antigo carácter de prática reservada a uma minoria e de técnica detida por uma elite.

Tem-se mantido, todavia, uma área da prática de leitura que se encontra confinada a um segmento ainda restrito da população, e que é a mesma na qual o prestígio e a autoridade da palavra impressa têm até agora permanecido quase intocáveis. No território de desenvolvimento dos estudos superiores, nas universidades ou nas academias, manteve-se assim, independentemente da liberdade de circulação da palavra na cidade, um nível de formulação, de conservação e de transmissão dos diversos saberes que assentou sempre no texto gravado no papel, no discurso preponderantemente impresso ou redutível à forma escrita, e que detém, na sua forma padronizada e essencialmente invariável, uma capacidade institucionalmente reconhecida de armazenar as formas julgadas mais elevadas, mais rigorosas, do conhecimento e da comunicação.

Porém, no decorrer da segunda metade do século XX, teve lugar outra grande revolução tecnológica, a qual possibilitou a expressão, através do computador, de uma forma substancialmente diferente de adquirir, de preservar, de elaborar e de divulgar o conhecimento. A informática, cujo alcance apenas nos últimos quinze ou vinte anos começou a ser devidamente percebido e aproveitado em todas as áreas da actividade humana e pela generalidade das pessoas, tomou-se de facto a tecnologia mais característica do nosso tempo. Ao ponto de, muito significativamente, em 1982 a revista *Time* ter designado o computador como "*the man of the year*". Luciano Floridi - que se tem dedicado a estudar os processos e as consequências da utilização da informática na área das humanidades

(1A) *Idem, ibidem*, p. 59.

- considera mesmo que esta técnica desempenha no nosso tempo um papel idêntico aquele que o moinho desempenhou no período medieval, que o relógio mecânico deteve na cultura seiscentista ou que o tear mecânico preencheu no lançamento da revolução industrial⁽¹⁷⁾. No campo específico da articulação desse instrumento de desenvolvimento com a expansão das formas de conhecimento, podem, entretanto, apontar-se três áreas essenciais.

A primeira delas relaciona-se com o objectivo que inicialmente determinou o aparecimento do computador: a ampliação da capacidade e da rapidez do cálculo numérico. O primeiro computador electrónico de alta velocidade, o ENIAC, um mastodonte de 167,3 metros quadrados que pesava 30 toneladas, foi concebido em 1945 para o exército dos Estados Unidos, com o objectivo de conseguir perfazer num tempo razoável as 5000 adições necessárias à execução de determinados cálculos balísticos⁽¹⁸⁾. Neste campo, o computador representava apenas uma ampliação essencialmente quantitativa da eficácia das calculadoras manuais e mecânicas, conhecidas desde o antigo e divulgadíssimo ábaco, e depois disseminadas no século XVII, a partir da máquina de multiplicação e divisão descrita por Johann Ciermans em *Disciplinae Mathematicae*, de 1640, e daquela outra que Pascal inventou dois anos depois⁽¹⁹⁾. E limitava a sua acção a zonas, situadas de fora do domínio público, que operavam exclusiva ou principalmente com complicadíssimas operações numéricas. Hoje, alguns dos mais poderosos computadores ainda continuam, se bem que em diferente escala, a ser destinados a esta espécie de operações.

A segunda área diz respeito, numa primeira etapa, à ampliação das capacidades deste tipo de aparelhos, no sentido de os dotar da

(17) Cf. Luciano Floridi, *L'Estensione dell'Intelligenza. Guida all'informatica per filosofi*, Roma, Armando Editore, 1996, p. 15.

(18) O processo de concepção e de funcionamento do ENIAC (*Electronic Numerical Integrator And Computer*) encontra-se descrito de uma forma bastante completa no seu museu virtual, o qual pode ser encontrado na Internet, em <http://homepage.seas.upenn.edu/~museum/directory.html>.

(19) Cf. A. Wolf, "Mechanical Calculators", in *A History of Science, Technology and Philosophy. In the 16th and 17th Centuries*, 3^a ed., London, George Allen & Unwin, 1962, pp. 556-563. Veja-se também a extensa e actualizada informação sobre este assunto que poderá ser pesquisada a partir de James Redin, *A Brief History of Mechanical Calculators. Internet Resources* (<http://www.dotpoint.com/xnumber/mech_refs.htm>).

possibilidade de executarem com eficácia tarefas que já não são baseadas em exclusivo no cálculo, nomeadamente ao nível do processamento de texto, da gestão de bases de dados e da execução de desenho gráfico. Numa fase posterior, relaciona-se também com a enorme redução do tamanho e do custo dos computadores - em particular após o aparecimento e a generalização, a partir da década de 80, do chamado PC (*Personal Computer*) - e com a ampliação da facilidade de utilização e grande abaixamento dos custos do *software*. A partir daqui, o uso da máquina, com capacidades de processamento e de armazenamento sucessivamente aumentada, com uma acrescida versatilidade, será alargado à generalidade das comunidades científicas e das empresas, passando também a ser usado como um comum electrodoméstico. Neste campo, a vulgarização dos sistemas multimédia, permitindo a adição e a combinação de meios diferentes que estavam ausentes nos primitivos computadores - som, vídeo, animação e gráficos - abriu caminho a novas utilizações e a novos adeptos.

A terceira e última área será, enfim, a representada pela emergente possibilidade, trazida por uma acrescida capacidade dos computadores para permutarem informação, destes transformarem esse macrocosmos de um saber vasto mas fragmentado, do qual se falou mais atrás, numa espécie de enciclopédia digital global, feita de constante comunicação telemática, de sistemas crescentemente inteligentes, de bases de dados a todo o momento ampliadas e de arquivos cumulativos de textos electrónicos, imagens, sons, tabelas e animações. É principalmente aqui que entroncam as profundas alterações introduzidas por este tipo de tecnologia no processo de produção, de transmissão e de conservação do escrito, e muito em particular nos hábitos de leitura.

O conceito-chave que importa ter em conta para entender a nova realidade é o de hipertexto, criado por Ted Nelson no início dos anos 60⁽²⁰⁾ e que, quando considerado na sua aceção mais ampla,

(20)Cf. Ted H. Nelson, *Literary Machines*, Swarthmore, PA, ed. do autor, 1981. Nesta obra Nelson retoma o conceito que criara, definindo-o como "escrita não sequencial". Sobre alguns dos seus recentes desenvolvimentos, veja-se Tim Berners-Lee, *Hypertext and Our Collective Destiny*, 1995 (disponível na World Wide Web em <http://www.w3.org/Talks/9510_Bush/Talk.html>). Veja-se também George P. Landow (org.), *Teoria del hipertexto*, Barcelona, Paidós, 1997.

hipermédia, pode igualmente incluir, para além do texto, também a imagem, fixa ou animada, e o som, estático ou dinâmico. Para Uwe Wirth, "a principal ideia estruturante do hipertexto é a interligação, em rede, de links", considerando ao mesmo tempo que "esta rede remissiva tem um efeito centrífugo", dado o link representar um convite imediato ao leitor para que este dê um salto, ou uma sucessão de saltos, entre vários fragmentos ou planos⁽²¹⁾. Deste modo, o hipertexto é concebido como infundável "texto em movimento", nunca podendo, por tal motivo, ser lido até ao fim. Coisa que não cria propriamente um novo tipo de angústia, dado reconhecer-se desde há muito que, por quem quer que seja e sob que forma for, se toma impossível deter a totalidade do saber existente, seguir todas as suas vias, todas as suas possibilidades. Por isso, longe de contribuir para complicar a tarefa de quem procura o conhecimento, aquilo que de efectivamente inovador vem facultar o desenvolvimento da telemática, tanto na forma como na extensão, é antes permitir a criação de uma maior possibilidade de viajar infinitamente através dele, completando-o, partilhando-o de uma forma fácil e rápida, alterando-o também, sempre que necessário⁽²²⁾. E é ainda a faculdade acrescida de fazer tudo isto com uma dimensão e um rigor absolutamente ímpares, dadas as capacidades dos novos instrumentos e a absoluta regularidade do seu funcionamento.

O computador e o seu múltiplo, sob a forma de rede, produz, junta e manipula, então, informação em quantidades e com uma rapidez ainda há não muitos anos impensáveis. Neste aspecto, toma mais próxima do que nunca a concretização do antigo sonho enciclopedista⁽²³⁾. Mas, mais ainda do que esse objectivo cumulativo, permite, como referiu Martin Ader, "transformar informações e conhecimentos em instrumentos operacionais"⁽²⁴⁾, sendo este, verdadeiramente,

(21) Cf. Uwe Wirth, "Literatura na internet. Ou: A quem interessa? Quem lê?", in *Ars Telemática. Telecomunicação, Internet e Ciberespaço*, ed. de Claudia Giannetti, Lisboa, Relógio d'Água, 1998, pp. 93-116.

(22) Ver Jakob Nielsen, "The Art of Navigating through Hypertext", *Communications of the ACM*, 33 Minneapolis, Março de 1990, pp. 296-310.

(23) Um circunstanciado relato da história do ideal enciclopedista é-nos apresentado em *Tous les savoirs du monde. Encyclopédies et bibliothèques, de Sumer au XXIe. Siècle*, dir. de Roland Schaer, Paris, Bibliothèque Nationale de France - Flammarion, 1996.

(24) Martin Ader, *Le Choc informatique*, Paris, Denôel, 1984, p. 16.

o seu aspecto mais revolucionário. A articulação das suas potencialidades com estratégias objectivas de escrita, e com o armazenamento e a prática da leitura requer, pois, a nossa maior atenção.

3. Os itinerários que se apresentam neste domínio são múltiplos e complexos. Alguns deles podem ser aqui cartografados, prendendo-se a sua definição com a existência de variadíssimos suportes susceptíveis de conter informação - desde a simples disquete HD, prestes a desaparecer, e do disco duro de uma crescente capacidade, até ao CD-ROM e ao recente DVD (*Digital Versatile Disk*), capaz de fazer circular dentro de uma pequena caixa em plástico um volume assombroso de informação - e com a possibilidade de os cruzar, recorrendo para o efeito, em particular, a um meio rápido, poderoso e barato como a Internet.

A importância desta espécie de suportes e dos seus conteúdos é óbvia. Podemos escrever um texto, apagar ou alterar porções dele, mudar a sequência das componentes, juntar-lhe elementos gráficos, e depois guardá-lo em unidades de armazenamento de tipo diferenciado, as quais possuem como característica comum a exiguidade do espaço físico que ocupam, por comparação com o enorme volume de dados que são capazes de digerir. Podemos incorporar nele, a todo o momento, elementos novos ou actualizados, introduzidos através do teclado, ou do *scanner*, ou da câmara, retirados de fontes pessoais ou alheias, públicas ou privadas, que se encontram já digitalizadas ou que o podem ser a qualquer momento. Podemos procurá-lo entre milhares de outros e voltar a ele, em fracções de segundo e quantas vezes desejarmos, pesquisando por palavras, frases, conceitos, ou até ideias anotadas "à margem". Podemos reservá-lo apenas para nós numa área segura do computador ou colocá-lo, com grande rapidez, diante dos olhos dos leitores que visamos*. Mas tanto no momento inicial da elaboração como na sua sequência ou no instante da leitura, temos também, diante de nós, possibilidades infinitas de colaboração e de partilha que podemos aproveitar.

A Internet, como associação de milhares de redes, que, de acordo com alguns especialistas, ligará, já no ano 2000, mais de 200 milhões de computadores - mantendo uma taxa de crescimento que varia entre os 80% e os 100% em cada ano⁽²⁵⁾ - encontra-se assim no

P) Veja-se a propósito Steve Alexander, "Computers and Information

centro dessa nova capacidade. A sua existência representa, antes de mais, a execução de uma ideia, simples e ao mesmo tempo genial, que sobreviverá com toda a certeza a qualquer evolução tecnológica que se venha a processar, uma vez que, na essência, realmente a transcende. Consiste esta na possibilidade de federar, graças a uma norma comum, todos os computadores e todas as redes de telecomunicações existentes, obtendo por essa via a comunicação de não importa que computador com não importa que outro computador, podendo ainda usar para o efeito todas as formas de telecomunicação (incluindo nestas a velha rede telefónica mundial).

O conceito surgiu há já perto de trinta anos, no quadro de pesquisas da agência americana ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) sobre a possibilidade de, no contexto de uma guerra nuclear, efectuar transmissões vitais por via informática. Recorde-se que se vivia então em plena guerra fria, e que a chamada "crise dos mísseis de Cuba", que quase levava à eclosão de uma nova guerra mundial, ainda não se encontrava definitivamente ultrapassada. Para tomar as ligações completamente seguras, o que seria imprescindível numa situação de conflito, imaginou-se então que os computadores comunicariam entre si enviando e recebendo mensagens que seriam divididas em "pacotes de informação", independentes e de pequeno tamanho, capazes de circular de um modo rápido e fiável, e que apenas fariam sentido quando esses pequenos pedaços de informação se encontrassem reunidos no destinatário. Em caso da quebra de uma ligação em curso, essas unidades deviam ser capazes de encontrar um outro caminho para chegar ao seu objectivo, uma vez que todas elas conheciam o endereço do seu destino, codificado de acordo com uma norma (o chamado IP, *Internet Protocol*). A curto prazo, esta técnica revelar-se-ia de grande interesse para outros domínios que não apenas o militar - como as comunidades científicas e empresariais, os serviços públicos e também os cidadãos comuns - passando por isso, a partir de 1984, a ser objecto de uma pesquisa científica e tecnológica acelerada, susceptível de simplificar o processo⁽²⁶⁾. Em

Systems", *Britannica Online*, 1998 (<<http://www.eb.com:180/cgi-bin/q?DocF=boy/98/L02765.html>>).

^(2A) Refira-se porém que a percepção desta necessidade e a existência de experiências nessa direcção começaram mais cedo. Veja-se a propósito Jean-Claude Quiniou, *Télématique, mythes et réalités*, Paris, Gallimard, 1980.

simultâneo, procedeu-se à sua crescente disponibilização, em termos de possibilidades de acesso por parte do sector empresarial privado e do público em geral.

O impacto deste sistema no processo de produção, de conservação, de inventariação e de troca do saber é imenso e inquestionável, tratando-se hoje apenas de desenvolver as suas várias componentes e as suas múltiplas possibilidades. E, certamente, de conhecer e interpretar, tendo em vista a invenção, o lançamento e eventual correcção de estratégias, o seu irreversível desenvolvimento²⁷).

A primeira componente, em regra aquela que começa por se utilizar sempre que alguém inicia a sua actividade na Internet, é o correio electrónico. A posse de um endereço de *e-mail* já não é apenas a chave para os subterrâneos binários que conduzem a um contacto pessoal rápido e barato, capaz de funcionar como alternativa ao correio tradicional (metaforicamente designado pela comunidade internauta como *snail-mail*, correio-caracol), ao telefone ou ao fax. Permite também, a partir de qualquer computador, a qualquer hora do dia e de um qualquer ponto geográfico do planeta, o estabelecimento de novas formas de relacionamento multi-direccional com um conjunto imenso de interlocutores, possibilitando o acesso a artigos, informações, opiniões e críticas, tal como a modalidades constantemente renovadas, desenvolvidas individual ou colectivamente, de teletrabalho. Pode ainda funcionar como um terminal, que permite participar em debates colectivos, entrar em grupos de leitura em grupo, enviar e receber revistas e jornais electrónicos, participar enfim nessa teia de saberes que tem na escrita e na leitura a sua linguagem eterna e comum.

Actualmente, depois de outras áreas de desenvolvimento da Internet terem caído em desuso (como é o caso do *Gopher*, um protocolo para permuta de informações dotado de um interface de texto muito simples) ou de se terem revelado pouco atractivas para uma troca criteriosa de saberes (como acontece com o IRC, *Internet Relay Chat*, que permite a troca, em tempo real, de mensagens em regra pouco elaboradas e algo anárquicas), o instrumento de

(27) Veja-se Joaquim Ramos de Carvalho, "A biblioteca na rede ou a rede na biblioteca: a gestão da informação na idade da Internet", *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1, Outono de 1997, pp. 67-74.

comunicação global mais usado é a World Wide Web (WWW), particularmente bem adaptado à gestão do multimédia e dotado de um interface intuitivo e geralmente fácil e agradável de manipular. Desde a sua criação em 1989 por Tim Berners-Lee, no CERN, de Genève, passando, a partir de 93, por um rápido desenvolvimento centrado na Universidade de Illinois, onde foi concebido o famoso programa de navegação Mosaic, até aos seus mais recentes desenvolvimento - protagonizados pela Netscape e pela Microsoft, que produzem os *browsers*, navegadores, de hoje em dia mais utilizados - a Web teve um desenvolvimento colossal, em termos de desenvolvimento da tecnologia que a suporta, do *software*, da concepção dos seus milhões de URLs (*Universal Resource Locator*, um sistema normalizado de endereçamento, para documentos e média acessíveis através da Internet) e dos seus conteúdos. Estes encontram-se a ser constantemente aumentados, melhorados, melhor organizados e, o que não é menos importante, armazenados de um modo muito mais simples de recolher, de manipular e de disponibilizar.

O estabelecimento de novos tipos de comunicação através desta espécie de instrumentos supõe entretanto duas estratégias distintas mas complementares. A primeira diz respeito ao próprio processo de escrita e de transmissão do escrito, que é levada a cabo pelo indivíduo que se encontra, ligado à rede de computadores. Naturalmente, os seus hábitos mudam na mesma medida em que os seus meios se ampliam: não se trata apenas de um mero alargamento da rentabilidade do seu esforço de comunicação, mas de um redimensionamento funcional deste. A outra tem a ver com o cenário, que agora se apresenta, de levantamento de uma biblioteca imensa, quase infinita, dotada de uma geografia labiríntica, que apenas existe virtualmente, é certo - dado supor a ligação em rede, não física, de diferentes bibliotecas e serviços de informação, independentemente da sua localização geográfica, da sua orgânica ou da política dos seus responsáveis⁽²⁸⁾ - mas que nem por isso deixa de estar próxima, como nenhuma outra até agora o esteve, dos seus leitores. Que nela penetram e por ela circulam com uma dose mínima de coacção e de acordo com estratégias que por eles próprios podem a todo o momento ser escolhidas e direccionadas.

⁽²⁸⁾ Cf. sobre este aspecto Ana Azevedo, "A biblioteca virtual ou precisando olhares sobre o futuro", *Páginas A&B. Arquivos e Bibliotecas*, Lisboa, 1,1997, pp. 95-111.

4. A originalidade do processo, no que diz respeito à alteração nos modos da leitura, resulta entretanto do facto, também sugerido por Chartier, de agora se desenvolverem em simultâneo aspectos da revolução da cultura escrita que, no passado, haviam caminhado em separado⁽²⁹⁾. A revolução do texto electrónico é, com efeito, ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, uma revolução do suporte e da materialidade do escrito, e ainda uma revolução das próprias práticas de leitura. É de todo este conjunto e da interacção das suas componentes que resulta a situação de grande turbulência na qual actualmente nos encontramos mergulhados.

A representação electrónica do escrito vem, por um lado, modificar radicalmente a noção de contexto, e, ao mesmo tempo, o próprio processo de construção de um sentido para o trabalho de quem escreve. Sobretudo porque ela vem substituir a contiguidade física que aproxima os diversos textos copiados ou impressos num mesmo livro por algo de bastante mais móvel e complexo, assente em arquitecturas lógicas que hierarquizam os vários documentos, digitalizados ou em vias de o ser, que se podem encontrar de facto numa situação de grande dispersão física. Estes podem, a partir de agora, ser inventariados e arrumados em bases de dados dinâmicas, relacionáveis e constantemente ampliadas.

Por outro lado, essa representação redefine o próprio carácter material das obras, desfazendo o elo imediatamente visível que existe entre o texto e o objecto que o contém, e atribuindo ao leitor - e não mais, ou não mais exclusivamente, apenas ao autor e ao editor - uma notável dose de controlo sobre a composição, a divisão e a aparência das unidades textuais que manipula. Desta maneira, todo o sistema de percepção e de utilização dos documentos originais e das suas cópias é agora inteiramente revisto.

Por um outro lado ainda, ao 1er olhando a superfície do ecrã, o leitor contemporâneo reencontra de alguma forma a postura do leitor da Antiguidade. Como este, ele percebe a informação que se encontra inscrita numa espécie de rolo. Mas um rolo que, ao contrário do antigo, pode ser desenrolado verticalmente, encontrando-se, além disso, provido de um conjunto de referências que começam a ser

⁽²⁹⁾ Cf. Roger Chartier, "L'arbre et l'océan", in *Tous les savoirs...*, *ob. cit.*, pp. 482-485.

postas em prática imediatamente após o aparecimento do códice: paginação, índices, tábuas, etc. É o cruzamento destas duas lógicas, antes separadas, que tomam o novo processo de leitura absolutamente original. Mas também, para alguns dos leitores, um pouco inquietante.

Convenhamos que este tipo de inquietação, diante de um instrumento que altera a forma de tradicionalmente processar a transmissão dos saberes, não é uma coisa nova. Platão, no diálogo *Fedro*, colocava na boca de Sócrates, seu mestre, a demonstração de uma evidente hostilidade para com a escrita como instrumento de comunicação, declarando a sua preferência pela oralidade. O filósofo entende aí que a utilização da escrita produziria o esquecimento das almas, por levá-las a negligenciar a memória: "*confiados na escrita, é do exterior, por meio de sinais estranhos, e não de dentro, graças ao esforço próprio, que obterão as recordações*", declarando que esse meio "*aos estudiosos oferece a aparência de sabedoria e não a verdade, já que, recebendo grande quantidade de conhecimentos, sem necessidade de instrução, considerar-se-ão muito sabedores, quando são ignorantes na sua maior parte*"⁽³⁰⁾. Uma convicção, que hoje por vezes se encontra, é a de que na utilização dos meios informáticos se desenvolve uma espécie de memória, de capacidade infinita, dir-se-ia "excessiva", de conhecimento, que, como *superavit* facilmente manipulável e dificilmente controlável de saber, conduziria quase inevitavelmente o espírito a uma atitude negligente e superficial. A analogia com os temores demonstrados por Sócrates não pode deixar de ser feita.

O bibliófilo e crítico literário Sven Birkerts vai mesmo para além dessa simples atitude de desconfiança diante de um universo perturbante, apresentando o computador, em *Gutenberg Elegies*, como uma verdadeira encarnação do demónio. Contra aqueles que denomina depreciativamente de "tecnoentusiastas", argumenta, em favor do modo tradicional, multissecular, de escrever e de ler, que as palavras que aparecem num monitor podem se apagadas com uma simples tecla, reduzindo o valor para ele sagrado, diferentemente palpável e muito menos efémero, daquilo que ao longo dos séculos fora sendo gravado no papel⁽³¹⁾. Uma atitude extrema, é certo, mas

⁽³⁰⁾ Platão, *Fedro*, trad. de José Ribeiro Ferreira, Lisboa, Edições 70, 1997, 275a-275b, pp. 120-121. Veja-se também Paul Levinson, *A Arma Suave. História Natural e Futuro da Revolução na Informação*, Lisboa, Bizâncio, 1998, p. 19.

⁽³¹⁾ Cf. Sven P. Birkerts, *The Gutenberg Elegies: The Fate of Reading in an*

que pode encontrar ainda alguma simpatia quando, no contexto de hábitos culturais e sociais instalados, se teme a perda do norte perante esse universo imenso de informação e de partilha que se desdobra permanentemente diante de nós.

Roger Chartier, admitindo a inquietação, diante desta evolução, sentida por parte dos historiadores do livro (entre os quais ele próprio se conta), entende as novas possibilidades, muito ao invés, como um imenso bem. Depois de reconhecer também que a presença do escrito nas sociedades contemporâneas é de tal ordem que ultrapassa toda e qualquer capacidade física de conservação - até mesmo a de todas as bibliotecas do mundo supostamente reunidas - entende que, diante desta proliferação, a única resposta possível, em termos globais, deverá ser a fornecida pelo aproveitamento dos meios electrónicos. Embora admita também que estes supõem "elos de leitura" diferentes, que não se devem sobrepor necessariamente aos processos tradicionais. Ler um artigo inserido numa revista que temos na mão, e que se articula com o restante conteúdo da mesma, não é, naturalmente, a mesma coisa que aceder a ele, como fragmento, a partir de um terminal⁽²⁾. Não é melhor, nem é pior: é simplesmente outra coisa, oferecendo outras possibilidades, outros planos, outros direccionamentos a explorar.

De facto, o mesmo medo da tecnologia que outrora opôs o rolo de pergaminho ao códice, de certa forma opõe hoje o livro ao texto que se desenrola no monitor. Opõe o texto que se abre no ecrã iluminado ao pequeno livro que se associa ainda ao ícone do leitor humanista⁽³⁾. Mas toda a tecnologia possui necessariamente uma medida humana: é impossível separar a intervenção pessoal mesmo da mais aparentemente inumana das tecnologias. São criação nossa,

Electronic Age, New York, Ballantine Books, 1994. Não deixa de ser curiosa, para uma descrição dos casos extremos de falta de lógica aos quais pode conduzir este "medo dos computadores", a leitura de Carlos Medina Ribeiro, *Crónicas da Inforfobia*, Lisboa, Edições Centro Atlântico, 1997. Existe também, por ironia na própria Internet, um repositório de testemunhos no mesmo sentido (trata-se da compilação *I Hate Computers!*, acessível em <<http://extlabl.entnem.ufl.edu/IH8PCs/>>).

(2) Cf. Roger Chartier, *Le livre en révolutions*, *ob. cit.*, pp. 127-128.

(3) Cf. Alberto Manguel, "How those plastic stones speak. The renewed struggle between the codex and the scroll", *The Times Literary Supplement*, London, 4918,1997, pp. 8-10.

ainda que de forma sonora, ou até eloquente, por vezes o tentemos negar. Por isso mesmo, ligam-se com as nossas vidas, com a nossa experiência, com o nosso futuro. Aquilo que precisamos fazer não é pois - e sobretudo as novas gerações têm-se apercebido disso de um modo evidente - virar o rosto aos efeitos desta nova realidade. Mas sim aproveitar-lhe as virtualidades e, reconhecendo-lhe os defeitos e as limitações onde eles existirem, inventar, desenvolver, trocar, renovadas iniciativas. Com as máquinas ou sem elas. Ou com as máquinas e sem elas.

Aproximando-se precisamente do lado humano, o texto electrónico supõe, ao contrário daquilo que por vezes ainda é sugerido, um retomar da leitura no espaço doméstico a níveis nunca vistos, e a sua introdução em espaço público nos quais era até há pouco impraticável. Num artigo saído na revista electrónica *Siate* (e também na sua síntese semanai em papel), Jacob Weisberg coloca a questão: "Requisitará alguém livros no futuro?"⁽³⁴⁾. A pergunta parece um tanto provocatória. Leva-nos a imaginar um mundo sem bibliotecas, tal qual ainda hoje as conhecemos e onde passamos uma parte bela e significativa das nossas vidas, sem as livrarias nas quais podemos ainda sentir o prazer de conhecer, de comprar, de tocar os livros. Claro que, pelo menos nos tempos muito mais próximos esse cenário não parece de todo plausível. Nem mesmo, sejamos francos, apetecível. Mas se observarmos a rápida evolução da recente tecnologia dos *palmtops* - computadores que cabem já, com capacidade de armazenamento e de memória invejáveis, com boa autonomia de baterias, e com ligação rápida à Internet, na palma da nossa mão -, se repararmos em como tem evoluído o *software* que os apoia, permitindo até a leitura com o formato habitual, querido, da página rectangular (a parte mais estreita voltada para baixo, tal como acontece num livro em papel), se atentarmos na explosão da edição de obras adaptadas a este tipo de tecnologia (o chamados *e-books*), constataremos que esse cenário não representa propriamente uma forma esquizoide de *etopia* (a expressão utilizada por Weisberg para designar esta "utopia electrónica" que vivemos). Ter os 16 milhões de livros

⁽³⁴⁾ Cf. Jacob Weisberg, "The Modem Library. Will anyone borrow books in the future?", *Slate On Paper*, 24 Out. 1998, pp. 33-34. Veja-se também o número temático, "La Revolución Digital y us dilemas", da revista *El Paseante*, nº 27-28, Madrid, 1999.

da Biblioteca do Congresso, pesquisáveis e anotáveis com uma enorme facilidade, no bolso do casaco e na ponta dos dedos, não é já um cenário de ficção científica⁽³⁵⁾. Transportar todo esse manancial até à nossa sala de estar, até ao jardim ou à praça pública, consultá-lo no metro, na praia ou sentado à sombra de uma velha árvore, são cenários que, de facto, estão ao virar da esquina.

Entretanto, se a cultura do impresso - tal como, antes dela, a do manuscrito - produziu escolhas, hierarquias, associações entre os formatos, os géneros e as leituras, é de supor que com a cultura que está em pleno processo de elaboração, que lhe será complementar ou concorrente (isto é, com o texto electrónico), o mesmo tipo de procedimentos se venham a desenvolver. Os objectivos que se colocam neste domínio devem passar pelo aproveitamento das experiências existentes, das estruturas existentes, para essa espécie de tarefas. Nessa perspectiva, os vultos respeitáveis das bibliotecas que conhecemos, guardando essencialmente o saber sob a forma atomizada - usando a separação, sugerida por Negroponte, entre átomos palpáveis e *bits* virtuais⁽³⁶⁾ - têm, pelo menos dentro de um cenário que somos capazes de conceber, um futuro assegurado e necessário. Como locais de estudo, de troca e de conservação do saber. A prática, que algumas bibliotecas começaram já a levar a cabo, e que consiste, após a sua digitalização, em suprimir os documentos em papel, será, nestas condições, de todo inaceitável. Contrariamente, a construção da biblioteca electrónica universal, total, babélica, que faz circular o conhecimento, de forma organizada mas sem barreiras, e essencialmente sob a forma digital, passa pela indispensável e inevitável disposição desse tipo de meios e de instituições ao serviço das novas tarefas. Integrandas e servindo-as também. Os meios

⁽³⁵⁾ O Projecto Gutenberg lista um grande conjunto de títulos já disponíveis, por enquanto maioritariamente em inglês (<http://www.gutenberg.net/_titles/_A_index.html>). Pode encontrar-se na Internet um conjunto imenso de *links* para a obtenção de livros electrónicos e de publicações sobre edição electrónica (<<http://www.cc.emory.edu/WHSCCL/electronic.publishing.html>>). Informação comercial sobre *e-books* pode ser encontrada na *eBookNet* (<<http://www.ebooknet.com/>>) onde é possível consultar uma lista de novidades, saber onde adquirir obras e participar num forum de debate.

⁽³⁶⁾ Cf. Nicholas Negroponte, *Being Digital*, New York, Alfred A. Knopf, 1995, pp. 11-20.

humanos, que serão sempre os determinantes nos grandes trabalhos que se aproximam, possuem-nos de sobra.

Com esse suporte seguro, e recorrendo aos meios electrónicos, pode encontrar-se de novo a inspiração que caracterizou os grandes projectos enciclopédicos: a disponibilização fácil e universal das todas palavras enunciadas e de todas as coisas representadas passa a ser teoricamente possível. O historiador Pierre Chaunu exprimiu o seu entusiástico testemunho acerca da importância crucial desta nova realidade, cujo alcance revolucionário - que não pode ser apreendido se nos colocarmos numa perspectiva meramente instrumental - considera apenas poder encontrar comparação nas consequências culturais das grandes descobertas do neolítico⁽³⁷⁾. Os acontecimentos tendem a dar-lhe razão.

Na verdade, e tal como na era do impresso, mas de uma maneira ainda mais sólida, o tempo da electrónica é atravessado por uma forte tensão diante de dois futuros possíveis⁽³⁸⁾. De um lado a multiplicação de comunidades separadas, dispersas, unidas através do uso das novas técnicas, ou a constituição de um público universal, definido pela participação de cada um na produção e na recepção dos discursos produzidos. A comunicação à distância, livre e imediata, que é possibilitada por essas redes electrónicas que trocaram em certa medida o alfabeto pelo código binário, permite uma e outra das situações, podendo ainda, no limite, dada a inevitável disseminação das referências, promover os particularismos culturais e o fechamento do indivíduo. Mas, inversamente, pode também produzir, à medida que os meios para tal se vão desenvolvendo, um outro tipo de enciclopedismo⁽³⁹⁾, caracterizado não apenas pelo registo dos conhecimentos obtidos, mas, sobretudo, por uma construção colectiva do saber feita de troca de informações e de experiências. Isto é, aproximar-se do antiquíssimo desejo humano de organizar de uma

⁽³⁷⁾ Cf. Pierre Chaunu, "La plus grande révolution depuis le Néolithique", *L'Histoire*, Paris, n.º. 226, Novembro de 1998, p. 38.

⁽³⁸⁾ Cf. Roger Chartier, "L'arbre et l'océan", *ob. cit.*, p. 485.

⁽³⁹⁾ Cf. Luciano Floridi, "The Internet: Which future for organized knowledge, Frankenstein or Pygmalion?", *Revista de Historia das Ideias*, Coimbra, vol. 18, 1996, pp. 419-437. E também Yannick Maignien e Jacques Vidal, "Encyclopédisme et hypermédias: de la difficulté d'être à la complexité du dire", in *Tous les savoirs...*, *ob. cit.*, pp. 466-471.

forma exaustiva e contiguamente reunida todas as coisas e todas as palavras.

A qualquer dos caminhos somente se chegará andando. Ao mesmo tempo que os antigos itinerários, cada vez menos movimentados, acabarão por se fixar na lembrança. E que o modelo do saber como atributo, símbolo e instrumento de autoridade - assente no controlo dos espaços e dos instrumentos da leitura - se irá democratizando⁴⁰). Por intermédio da crescente facilidade de acesso de um igualmente crescente número de cidadãos à edificação, ao inventário e à manipulação de novas formas de conhecer e de partilhar a experiência do conhecimento.

O lado fascinante deste processo reside no facto de, com toda a certeza, não ser preciso esperar uma geração para que tudo isto se materialize.

⁴⁰) Janez Strehovec, "The Web as an Instrument of Power and a Realm of Freedom", *Ctheory*, 1998 (<<http://www.ctheory.com/a49.html>>).